

# Inclusão e exclusão: reverberações literárias

## Inclusion and Exclusion: literary Reverberations

## Inclusión y exclusión: reverberaciones literarias

Dionei Mathias



Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.  
dioneimathias@gmail.com

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo refletir sobre dimensões de inclusão e exclusão, no contexto dos estudos literários. Na primeira parte do texto, o foco se volta para uma discussão teórica que busca problematizar os conceitos de inclusão e exclusão, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, a fim de verificar como esses questionamentos se coadunam com os interesses dos estudos literários. Na segunda parte, o artigo ilustra a problematização, com base no romance *Ohnehin*, de Doron Rabinovici, buscando identificar as estratégias de inclusão e exclusão encenadas na realidade diegética desse texto específico. Para concluir, o artigo identifica três movimentos centrais para a discussão dessa questão nos estudos literários: as estratégias de posicionamento de personagens, a dinâmica de gerenciamento de sentidos e os condicionamentos da percepção.

**Palavras-chave:** Inclusão. Exclusão. Estudos literários. Doron Rabinovici. *Ohnehin*.

**Abstract:** This article aims to discuss dimensions of inclusion and exclusion, in the context of literary studies. The first part of the article deals with a theoretical discussion that tries to problematize the concepts of inclusion and exclusion, from a transdisciplinary perspective, in order to verify how these questions are in line with the interests of literary studies. In the second part, the article illustrates this discussion, drawing on Doron Rabinovici's novel *Ohnehin* and seeking to identify how inclusion and exclusion strategies are represented in this specific

text. To conclude, the article identifies three key movements for the discussion of this question in literary studies: the strategies of character positioning, the dynamics of meaning management and the conditioning of perception.

**Keywords:** Inclusion. Exclusion. Literary studies. Doron Rabinovici. Ohnehin.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo discutir las dimensiones de inclusión y exclusión, en el contexto de los estudios literarios. La primera parte del artículo trata de una discusión teórica que intenta problematizar los conceptos de inclusión y exclusión, desde una perspectiva transdisciplinar, con el fin de verificar cómo estas preguntas están en consonancia con los intereses de los estudios literarios. En la segunda parte, el artículo ilustra esta discusión, basándose en la novela Ohnehin de Doron Rabinovici y buscando identificar cómo se representan las estrategias de inclusión y exclusión en este texto específico. Para concluir, el artículo identifica tres movimientos centrales para la discusión de este tema en los estudios literarios: las estrategias de posicionamiento del personaje, las dinámicas de manejo de significados y el condicionamiento de la percepción.

**Palabras clave:** Inclusión. Exclusión. Estudios literarios. Doron Rabinovici. Ohnehin.

Submetido em: 29 de novembro de 2021.

Aceito em: 23 de abril de 2022.

Publicado em 12 de setembro de 2022.

## Introdução

A dinâmica de inclusão e exclusão representa uma estratégia, por excelência, do universo literário. Isso começa com o excerto representacional que o universo diegético tem como foco, passa pelo agrupamento de personagens e afinidades na realidade ficcional, mas também inclui o escopo da percepção encenada com base na focalização. Nesses diferentes planos da materialidade verbal, potenciais de sentido são incluídos e excluídos do processo de comunicação, engendrando um olhar sobre o mundo, encenado por meio da ficção. Nessa estratégia, textos literários recuperam uma dimensão-chave do espaço da vida, onde atores sociais organizam sua apropriação da realidade com base em princípios de inclusão e exclusão dos potenciais de sentidos. O que está no centro dessa dinâmica é a organização de processos de percepção, um interesse, portanto, que está na base das inquietações estéticas.

No longo percurso de socialização, todo sujeito aprende a enxergar o mundo a partir de uma determinada lente. Nisso, ele internaliza, inconscientemente, as redes de classificação, hierarquização e, sobretudo, de agrupamento que imperam num espaço sociocultural. Isso começa quando o bebê começa a identificar a presença do pai, percebendo, com isso, que ele próprio e a mãe não são um ente contínuo. Isso tem sequência quando a criança percebe a circunferência do núcleo familiar e a presença de outros círculos sociais. Treinada essa modalidade de organizar o mundo, movimentos de percepção incluem e excluem, nos mais diferentes níveis de apropriação de realidade, repetindo de certa forma o movimento inicial da gênese de consciência. Textos literários encenam esses percursos de desbravamento da realidade, também instalam estratégias de desautomatização, a fim de pavimentar novas trilhas para classificar sentidos e pensar agrupamentos. Nisso, inclusão e exclusão têm um papel fundamental.

## Alguns ângulos da discussão teórica

O pós-guerra, em especial a década de 1960, com seus diferentes movimentos sociais em prol dos direitos de agrupamentos sociais desfavorecidos, permitiu a instauração de uma sensibilidade para esse conjunto de questionamentos e pavimentou o caminho para a discussão teórica sobre as dinâmicas de inclusão e exclusão, em diferentes contextos de produção discursiva. Isso ocorreu especialmente em disciplinas das ciências humanas, tendo se intensificado na medida em que agrupamentos minoritários passaram a articular suas demandas de participação social e questionar o modo como a distribuição de chances ocorria. Como atestam vários estudiosos, a discussão é complexa (RAWAL, 2008), especialmente porque todo movimento de inclusão automaticamente inclui alguma forma de exclusão, criando novas formas de organizar a realidade, com seus crivos de percepção. Ou, ao criar novas categorias, elide as experiências de um conjunto que não tem voz no discurso representacional.

Como afirma Hilary Silver (1994), exclusão – e por extensão também inclusão – sempre é um fenômeno polissêmico, atrelado a condicionantes do contexto nacional e ideológico, mas também da dimensão temporal. Diante da polissemia do conceito, qualquer discussão que se volte para esse fenômeno sociocultural precisa definir as condições específicas, verificar o objeto da exclusão, esclarecer a ordem sociocultural almejada e verificar que práticas de solidariedade se instalam. De certo modo, esse movimento discursivo chama a atenção para os perigos inerentes às categorizações sumárias. Por um lado, as práticas classificatórias auxiliam no processo de instauração de uma voz e, com isso, de participação discursiva, por outro lado, sempre contêm o risco de apagamento da diversidade e complexidade das experiências individuais.

Também Mascareño e Carvajal (2015) problematizam o conceito nesses termos, chamando a atenção para suas armadilhas e, sobretudo, para a necessidade de diferenciar. Nessa esteira, identificam dois vetores importantes para a discussão:

Quaisquer que sejam as formas e combinações de inclusão e exclusão consideradas, as teorias examinadas sugerem que duas considerações são sempre relevantes: (i) a primeira refere-se à individuação dos processos de inclusão/exclusão e explora a capacidade das pessoas de escolherem entre as opções que consideram melhores em relação com a visão de sua vida; (ii) a segunda tem a ver com os contextos sociais gerais em que ocorrem os processos de inclusão/exclusão, e a questão principal é até que ponto os diferentes níveis de organização social são capazes de oferecer alternativas adequadas em número e diversidade, de forma que as instituições possam cobrir o leque de opções (em profundidade e amplitude). (MASCAREÑO; CARVAJAL, 2015, p. 133).

Os dois vetores identificados pelos autores se inserem no imperativo da diferenciação, nomeando parâmetros micro e macrosociais que impactam no modo como fenômenos de inclusão e exclusão podem ser compreendidos e discutidos. A esfera macrosocial remete a estratégias, por vezes, sistêmicas que definem como determinados agrupamentos têm (ou não) acesso a chances e participação, variando de acordo com as condicionantes de cada espaço sociocultural, em seus diferentes níveis de organização. A esfera microsocia, por sua vez, tem como foco a dimensão individual, especialmente no que diz respeito a projetos identitários. Aqui, a interação tem um papel fundamental, pois define o percurso da negociação de sentidos. Sem dúvida, as duas esferas estão imbricadas, de modo que estabilizam formas de inclusão ou exclusão nos dois polos, mas também são responsáveis por transformações, desencadeando fluxos ininterruptos de sentido.

Nisso, os sentidos que decorrem dessas negociações podem apresentar diferentes graus de estabilidade, oscilando entre rigidez e volatilidade, entre uma noção quase que estruturalista e outra desconstrucionista do sentido. O contexto sociocultural vai definir como esses sentidos são administrados. Em sociedades to-

talitárias, a estabilidade dos princípios de inclusão e exclusão não toleram questionamentos ou alternativas. Em sociedades mais liberais, as linhas de demarcação se desintegram, em maior ou menor medida. Entre esses dois extremos, muitos espaços sociais apresentam práticas simbólicas ora mais propensas à imposição, ora mais abertas à revisão.

Com efeito, Mascareño e Carvajal (2015, p. 139) buscam desconstruir o par dicotômico e chamar a atenção às “dimensões sociais múltiplas” que caracterizam o fenômeno. Nesse movimento, há um esforço de apreender a complexidade e não recair em fórmulas simplistas. Contudo, é preciso levar em consideração o respectivo espaço sociocultural. Com certeza, há espaços onde as negociações não são engessadas e se encontram abertas à negociação, mas o contrário também ocorre, de modo que práticas de exclusão permanecem institucionalizadas, como alerta Silver (1994, p. 545).

Paradigmático, nesse sentido, é o modo como as questões feministas foram articuladas, trazendo a lume um longo processo de diferenciação, com o objetivo de problematizar a estratégia de dicotomização, mas também a rigidez do sentido:

A teoria feminista tem muito a dizer sobre a marginalidade, possivelmente porque o primeiro feminismo liberal ocidental produziu essa teoria universalizante da marginalidade, e as feministas posteriores têm lutado para produzir uma melhor compreensão da marginalidade [...]. O foco desta posição está na construção de identidades marcadas por gênero e não em uma categoria limitada de exclusão baseada no gênero. O gênero medeia formas particulares de exclusão, mas não produz categorias de pessoas incluídas ou excluídas de maneiras uniformes. (JACKSON, 1999, p. 130)<sup>1</sup>.

O trabalho inerente ao esforço de melhor compreender a posição marginalizada implica, antes de mais nada, desconstruir uma terminologia homogeneizante e voltar o olhar para experiências

1. Todas as traduções são do autor deste artigo.

específicas, a fim de identificar as complexidades e os desafios individuais diante da máquina silenciadora dos mecanismos de inclusão e exclusão. Trata-se de um silenciamento que não se encontra somente na esfera da exclusão, podendo se manifestar igualmente nas configurações inclusivas. O que Jackson (1999) problematiza para a questão feminista (amplamente discutida no âmbito da teoria interseccional) parece ser igualmente válido quando se homogeneiza, por exemplo, as experiências de escravos, ignorando-se as diferenças particulares e esquecendo-se, sobretudo, as origens socioculturais diversas de pessoas que foram vítimas do tráfico de escravos. Ou, quando falamos de índios (o lexema já revela a incapacidade de nomear a complexidade da nova realidade encontrada pelos invasores), ignorando-se a diversidade linguística e cultural dos diferentes povos originários do país. Nos três casos, as dinâmicas de inclusão e exclusão são complexas, trazendo novos questionamentos na medida em que outras categorias de percepção vão sendo desbravadas.

A institucionalização da exclusão por meio de terminologias pode ocorrer igualmente no âmbito da produção discursiva, num contexto, portanto, que fornece os instrumentos analíticos para a discussão dessas práticas simbólicas. Daí provém a importância de refletir sobre a terminologia e os mecanismos com os quais se discutem as práticas de inclusão e exclusão. Para o contexto da sociologia, Allman (2013) escreve:

Como as culturas e sociedades estratificam e dividem; como elas respondem pelos costumes em torno da inclusão, exclusão, pertencimento e união; e como os processos que incluem e excluem são discutidos, descritos, compreendidos e vivenciados, todos fornecem algumas pistas sobre o papel da integração e estratificação social dentro de uma dada sociedade. Na verdade, como a estratificação é concebida e discutida pode obscurecer a própria natureza dos processos pelos quais tais divisões ocorrem. É precisamente por isso que a disciplina de sociologia é tão útil. Ao contrário das ciências da ordem natural, ela faz mais do

que identificar e apresentar explicações para as divisões sociais. A sociologia, além disso, pode refletir também sobre os discursos disciplinares que envolvem as discussões dessas partições sociais. (ALLMAN, 2013, p. 6).

O que Allman (2013) identifica para a discussão, no contexto da sociologia, representa uma ponte de diálogo interdisciplinar interessante para os estudos literários. Na medida em que textos literários, a partir de suas estratégias estéticas, apresentam mundos possíveis, eles tecem malhas de sentidos transferíveis para a realidade extraficcional, fornecendo impulsos para pensar o espaço da vida. Nesse horizonte, a reflexão sobre práticas de estratificação e divisão encenadas em textos literários pode constituir a base para a formação de um pensamento crítico em relação a dinâmicas de convivência. É óbvio que textos literários não servem de manuais para a concretização existencial, isso seria uma aproximação demasiado perigosa a práticas da redução ideológica. Contudo, a encenação da complexidade inerente ao convívio e, sobretudo, de sua percepção (um vetor-chave de interesses estéticos) pode trazer impulsos para imaginar futuros alternativos. A imaginação (outro vetor-chave) continua sendo um capital essencial, pois toda transformação exige criatividade e habilidade imaginativa para idear outras formas de concatenar e gerir sentidos.

A capacidade (e a necessidade) de refletir sobre “discursos disciplinares” é imprescindível nos estudos literários. Interessados em analisar e interpretar produtos culturais criados a partir da arte do verbo, os estudos literários têm um interesse substancial em oferecer propostas de sentido. Quando se interpreta, surge uma narrativa que busca traçar um arco de sentido. Para que esse arco possa ser traçado, é necessário esclarecer que foco será adotado, isto é, que excerto da realidade (ficcional) será alvo do escrutínio. Nesse movimento, um potencial de sentido se materializa, um olhar sobre o texto e sobre o mundo que dele emerge se instaura, ou seja, um conteúdo da percepção vem a lume. Esse percurso exige refletir sobre os conceitos a se-

rem utilizados e o que a prática disciplinar permite dizer. Ideias produzem uma configuração discursiva que condiciona o olhar para o mundo (BÉLAND, 2007), isso vale para a sociologia, para as ciências políticas e vale igualmente para os estudos literários.

Nesse sentido, o esforço teórico não se restringe a problematizar conceitos como inclusão e exclusão. Ele se estende igualmente ao trabalho de cartografar novas formas de pensar os potenciais de sentido que podem emergir de textos literários. Na identificação de formas de inclusão e exclusão, instauram-se formas de visualizar o mundo (CAMERON, 2006). Isso pode treinar o olhar e desbravar novas cartografias, mas também pode impor uma terminologia que reproduz limitações. Nesse cenário, o esforço talvez não deva recair sobre “de-finição”, mas sobre a problematização. Como afirma Davies (2005), não há respostas simples. Por vezes, elas nem mesmo são desejáveis, por conterem um risco elevado de reducionismo. A discussão, contudo, instala um foco de atenção, em cujo bojo surgem novas formas de conceber práticas do convívio social. Com base no diálogo interdisciplinar, os estudos literários podem se inserir nesse horizonte de discussão, problematizando potenciais de sentido que a literatura oferece, em seus mais diferentes contextos socioculturais de produção.

Na esteira da mobilização de grupos minoritários e, sobretudo, dos direitos da mulher, especialmente a partir da década de 1970, muitos estudiosos da literatura têm voltado o seu olhar para os diferentes parâmetros de participação, agência e constituição de vozes autônomas. A teoria interseccional (ANTHIAS, 2013; CARBADO *et al.*, 2013; WALBY *et al.*, 2012) contribuiu significativamente para a formação de olhares, identificando uma série de coordenadas que definem lugares de participação. O quadro a seguir recupera algumas coordenadas de inclusão e exclusão, em parte pautado pelos questionamentos interseccionais, mas incluindo também outras formas de demarcação, sem ambição de completude:

Quadro 1 - Coordenadas de inclusão e exclusão.

Eixo de demarcação	Dinâmicas de agrupamento
Corporal	Gênero, raça, sexualidade, habilidade corporal e mental.
Cultural	Nação, região, etnia, classe, subculturas, interculturalidade.
Geográfico	Espaço urbano, rural, central ou periférico.
Afetivo	Envolvimento, solidariedade, atenção, amor ou indiferença, hostilização, descaso, ódio.

Fonte: Elaboração própria.

Os diferentes eixos de demarcação definem o critério para inclusão e exclusão, enquanto as dinâmicas de agrupamento apresentam critérios para a formação de subgrupos. Todos esses parâmetros impactam na narrativa de identidade, pois definem como o sujeito se posiciona no mundo e se relaciona com o entorno. Textos literários encenam essas dinâmicas, muitas vezes, sem diminuir a complexidade inerente ao processo de negociação de sentidos.

Nesse horizonte, a segunda parte deste artigo volta sua atenção para um texto literário, o romance *Ohnehin*, de Doron Rabinovici, autor nascido em Israel e residente na Áustria, onde escreve e publica em língua alemã. De forma paradigmática, o romance problematiza questões centrais para esse conjunto de questionamentos.

## Cartografias do mundo e posicionamentos

O romance de Rabinovici tem como foco encontros interculturais na Áustria. A realidade diegética encena o embate entre grupos majoritários e minoritários, com suas diferentes visões de mundo, problematizando fenômenos de antissemitismo, xenofobia e indiferença. Para traçar esse panorama de experiências, o romance lança mão do multiperspectivismo em sua organização formal, de modo que diversos ângulos de acesso à realidade diegética se entrecortam, contrapondo, portanto,

interpretações que problematizam os posicionamentos de diferentes atores sociais. Para a discussão que segue, o foco recai sobre a perspectiva de Flora, uma estrangeira que se assenta na Áustria, no bojo da eclosão do conflito bélico nos Bálcãs.

Como mulher e estrangeira, seu posicionamento nas coordenadas socioculturais apresenta uma intersecção que a situa num lugar precário no que diz respeito a chances de participação e obtenção de agência. Sua situação ilustra, de forma muito explícita, a necessidade de diferenciar a exclusão na exclusão, dentro da intersecção que a caracteriza. Com efeito, dentro do agrupamento “gênero”, suas chances passam por outro processo de hierarquização, definindo como ela pode articular sua voz, no conjunto de vozes femininas que compõe esse espaço sociocultural específico. Isso também vale para a segunda intersecção mencionada, qual seja, a condição de estrangeira. Oriunda dos Bálcãs, a personagem se vê confrontada com uma dinâmica de inclusão e exclusão que difere substancialmente daquela adotada para estrangeiros oriundos de outros lugares.

O que destaca Flora, no entanto, é seu capital intelectual. Como artista, ela traz à superfície uma sensibilidade apurada para identificar fluxos de sentido. Esse capital, primeiramente, lhe permite olhar para o novo espaço sociocultural, com um olhar crítico, habilitado a neutralizar o deslumbramento da encenação turística e apto a enxergar as lógicas que subjazem à interação social. Num segundo momento, seu capital intelectual também lhe permite traduzir as dimensões inerentes ao fenômeno de inclusão e exclusão numa linguagem artística, mais especificamente a cinematográfica, de modo que a contraposição de imagens desmascara discriminações veladas e suas estratégias de maquiagem de exclusão aparentemente inexistentes. Isso não é pouco, pois movimentos de exclusão, em grande medida, ocorrem de modo mascarado, para que seus atores não coloquem em risco sua imagem de tolerância, cosmopolitismo e finesse. Flora coloca o dedo na ferida e dá voz a experiências que tendencialmente permanecem caladas, no marco da vergonha.

De resto, isso também vale para seu país de origem, o que acaba motivando sua ida para o exterior. Numa passagem-chave do texto, Flora reúne diferentes vetores da exclusão:

Não, nada disso pode ser esquecido, diz Flora, nem seus comentários obscenos, nem sua proclamação diária de que ele poderia lhe dar um trato de verdade, não os toques arbitrariamente involuntários. Para a patroa, Flora fora a única culpada e, portanto, foi a esposa, e não o empresário, quem finalmente a despediu sem aviso prévio. Não, ela não tinha esquecido de nada. Sim, ela admitiu, ela queria esquecer. Não, ela sentia muito, mas não pôde esquecer a caça que antigos amigos haviam incitado contra ela. Como ela fora escoraçada de seu círculo de Belgrado. (RABINOVICI, 2005, p. 228).

A passagem provém de uma conversa com Stefan, seu parceiro austríaco. Eles estão conversando sobre sua autorização de residência no país. Flora relata, antes disso, o contexto da oferta de emprego, com a previsão de trabalhar como secretária e intérprete. Ela percebe rapidamente que as intenções do chefe são outras, quando têm início os assédios. A dinâmica de inclusão e exclusão começa com a necessidade do visto. Como prática consolidada, o processo administrativo que antecede a concessão de autorização de permanência raramente é visto como prática de agrupamento e hierarquização. Fato é, contudo, que os pesos e as medidas adotados para diferentes origens nacionais revelam quais atores sociais são ou não desejados, nos respectivos espaços nacionais.

Vencido o obstáculo do pertencimento nacional, o acesso ao mercado de trabalho contém uma nova triagem. Flora já vai para a Áustria com uma oferta de emprego. O que ela encontra, de fato, representa uma realidade destoante de suas expectativas. O chefe assume poder se dar liberdades diante dela, como mulher e, sobretudo, como estrangeira. Isto é, ele agrupa mulheres, a partir de uma lógica étnico-machista, incluindo e excluindo em consonância com sua lógica individual de respeito. Nessa escala, ele posiciona

Flora como mulher estrangeira, oriunda de um contexto de extrema fragilização social, num lugar em que ele assume poder transformá-la em objeto de seus assédios sexuais. Ele não a enxerga como pertencente a sua comunidade ou como alguém a quem ele deve acordar a mesma escala de respeito prevista na interação, por exemplo, com sua esposa.

Sua esposa, ao aperceber-se dos assédios de seu marido, também dá início a um processo de inclusão e exclusão. Assim, ela não questiona o comportamento machista de seu marido. Pelo contrário, ela categoriza a mulher estrangeira e a posiciona numa coordenada que a exclui de seu próprio agrupamento, na condição de mulher. No lugar da inclusão, por exemplo, no marco da união de forças por parte de vozes femininas contra o princípio do patriarcado, ela opta pela exclusão, criando um outro agrupamento em que possa encontrar um posicionamento para Flora, de modo a neutralizar possíveis ameaças. Para Flora, isso significa não somente o confronto com um agrupamento menos solidário da intersecção “gênero”, isso também implica a perda de chances, dada sua exclusão do posto de trabalho.

A exclusão, contudo, não se restringe ao espaço social do novo país de assentamento. Ainda em Belgrado, Flora percebe que no próprio círculo de amigos ela passa a ser objeto de reagrupamento, quando seu posicionamento intelectual já não se encontra mais em consonância com a maioria. Sua atitude dissidente acaba sendo o critério para justificar a nova demarcação entre membros desse grupo. No país de origem, seu posicionamento político a exclui e, de certa forma, ele também impacta em suas chances no país de assentamento. Assim, quando o professor universitário Hanno Geiss descobre que ela não é refugiada, mas sim alguém que se encontra legalmente no país, sem uma motivação política explícita para sua estada, sua disposição para auxiliá-la em sua carreira artística imediatamente some:

Isso é uma desfaçatez. Guarda esse dispositivo. Tira-o daqui; imediatamente. Eu estou farto de toda tua filmagem e rodagem.

Eu pensei que você era ilegal? Com esta identidade e com um título semelhante, quis te apresentar na minha exposição. Só assim faria sentido. De outra forma, não dá em nada. Desliga, se faz o favor, o aparelho. (RABINOVICI, 2005, p. 228).

O trabalho cinematográfico de Flora tem como objetivo registrar a reação de pessoas, quando confrontadas com a vulnerabilidade social de refugiados e imigrantes. Até esse momento, o professor universitário apoiou esse trabalho e previa inseri-lo em sua exposição. No momento em que descobre que Flora não está ilegalmente no país, isso desencadeia um processo de reorganização dos agrupamentos. Na verdade, Geiss se promete vantagens da encenação como uma espécie de mecenas dos refugiados. Na ausência desse atributo (e dos potenciais para seu próprio capital simbólico), a vulnerabilidade do outro deixa de ser interessante. O processo de inclusão e exclusão, nesse contexto, se dá com base nas vantagens do capital simbólico a ser derivado a partir de uma determinada encenação pública. Nas diferentes situações elencadas, o outro não é visto como sujeito, com dignidade, agência e direito à voz própria, ele se vê transformado em objeto, posto na balança dos interesses individuais. O que resulta dessa paisagem é inclusão ou exclusão, de acordo com os potenciais de vantagem a serem alcançados.

Um elemento simbólico importante no romance é o mercado *Naschmarkt*. Ele representa, ao mesmo tempo, dimensões da inclusão e estratégias de exclusão. Num determinado momento, a voz narrativa relata: “Nessa área, foi falado por séculos não só alemão, mas também italiano, iídiche, grego, turco, tcheco, sérvio e polonês, mas seria muito barato pintar um quadro idílico de diversidade colorida e harmonia feliz” (RABINOVICI, 2005, p. 178). Trata-se, portanto, de um espaço sociocultural em que, aparentemente, o convívio da diversidade funciona, sem a necessidade de imposição de uma norma dominante que sistematicamente exclui as diferenças. Vale lembrar, contudo, que esse espaço multicultural, com seus sedimentos do Império Austro-Húngaro, se encontra

em coordenadas em que a dinâmica de poder é diferente daquela concretizada nos espaços centrais, nas quais se definem as narrativas nacionais de inclusão e exclusão. A voz narrativa imediatamente relativiza esse quadro, antecipando que a situação é muito mais complexa.

Uma dimensão dessa complexidade é a presença de outras vozes que justamente não focam nos potenciais inclusivos da diversidade, preferindo voltar o olhar para outros elementos e transformando o teor de sentidos atrelados ao emaranhado simbólico em volta do mercado, como é o caso de representantes políticos:

A campanha eleitoral explodira e slogans em cores vivas espalharam-se nas esquinas. O candidato da extrema direita se dirigira ao Naschmarkt. À sua frente e atrás dele toda uma formação; os seguranças abriram espaço para ele. Quase ninguém aqui entendia mais alemão, ele zombava diante da câmera, e os apoiadores ao seu redor uivavam. (RABINOVICI, 2005, p. 179).

Se, por um lado, há olhares que organizam os sentidos no marco da inclusão, identificando no convívio multicultural pacífico algo positivo, também há aqueles, como ilustra a citação, que depreendem do fenômeno um fator de exclusão. A diferença, nesse contexto, permanece inserida numa narrativa de grupo, mas tecida com a finalidade de excluir alguns membros e reforçar o sentimento de pertencimento de outros. Nisso, a estratégia de exclusão traça as coordenadas desse espaço, indicando onde cada membro pode se posicionar. O candidato faz um cálculo muito simples: excluir a minoria a fim de obter o apoio incondicional de uma maioria, por meio da mobilização de afetos. Nesse movimento, ativam-se configurações afetivas mais propensas à hostilização contra aqueles que não pertencem e de maior solidariedade para com os representantes que compartilham a própria visão de mundo ou têm os mesmos traços étnicos.

O panorama traçado por Rabinovici não é passível de simplificação. O que o texto parece mostrar, por meio de suas estratégias

de organização estética, é justamente a ausência de uma linearidade facilmente descritível da exclusão. No lugar disso, o texto encena múltiplas facetas, vistas de diferentes ângulos, mostrando como a realidade individual é atravessada por dinâmicas complexas do gerenciamento de sentido. Com isso, os posicionamentos e as linhas demarcatórias não são imediatamente apreensíveis, exigindo um aguçamento da percepção para que o fenômeno da exclusão possa se transformar em objeto de escrutínio.

## Considerações finais

A ficção produz um conhecimento específico, com estratégias próprias, para compreender o ser no mundo. Nisso, o enredo encena como interlocutores são posicionados, escopos da solidariedade definidos e estratégias de inclusão e exclusão legitimadas. Dessa organização do relato emergem constelações ficcionais singulares, em que personagens são inseridas em narrativas de mundo, situando-as nas coordenadas do convívio social. Os olhares transdisciplinares ajudam a compreender e problematizar os movimentos de inclusão e exclusão, com seus posicionamentos específicos, aguçando o olhar para as lógicas dos regimes discursivos que embasam a malha ficcional. Nesse bojo, é necessário estender o escopo do olhar para identificar fenômenos que caracterizam os posicionamentos particulares da concretização existencial, encenada na esfera ficcional.

Discutir a dinâmica de inclusão e exclusão, a partir de textos literários, significa igualmente problematizar as estratégias de gerenciamento de sentidos. O fenômeno é polissêmico por natureza, ao remeter a uma multiplicidade de fatores que definem os movimentos de inclusão e exclusão. Ao mesmo tempo, ele se caracteriza por uma tendência à dicotomização, diante da estratégia de engessamento e, assim, legitimação/manutenção das fronteiras do pertencimento. O esforço de análise nos estudos literários deve se voltar, portanto, para a necessidade de diferenciação e desconstrução de sentidos, buscando problematizar estratégias

de estratificação e, com isso, modalidades de organização do convívio social. Nesse cenário, o estudo da literatura tenta identificar novas cartografias, a partir do conhecimento singular que emerge do texto literário.

O aguçamento do olhar, por fim, é a característica, por excelência, de todo esforço estético. Textos literários encenam formas de inclusão e exclusão, convidando leitores a refletir sobre o que se lhes apresenta na realidade diegética, mas eles também problematizam, sobretudo, os condicionamentos da percepção. Treinar a percepção para enxergar a complexidade inerente a toda forma de convívio social permanece sendo um elemento-chave da arte do verbo. Nesse horizonte, o encontro com a literatura contém sempre um convite para refletir sobre nossas cegueiras individuais, ou melhor, sobre os crivos que adotamos para decodificar sentidos e inseri-los nas visões de mundo que motivam a nossa concretização existencial.

## Referências

ANTHIAS, Floya. **Intersectional what? Social divisions, intersectionality and levels of analysis**. *Ethnicities*, Bristol, v. 13, n. 1, p. 3-19, 2013.

ALLMAN, Dan. **The Sociology of Social Inclusion**. *SAGE Open*, p. 1-16, 2013.

BÉLAND, Daniel. **The social exclusion discourse: ideas and policy change**. *Policy & Politics*, Bristol, v. 35, n. 1, p. 123-39, 2007.

CAMERON, Angus. **Geographies of welfare and exclusion: social inclusion and exception**. *Progress in Human Geography*, Bristol, v. 30, n. 3, p. 396-404, 2006.

CARBADO, Devon W.; CRENSHAW, Kimberlé Williams; MAYS, Vickie M.; TOMLINSON, Barbara. **Intersectionality: Mapping the Movements of a Theory**. *Du Bois Rev*, Cambridge, v. 10, n. 2, p. 303-312, 2013.

DAVIES, Jonathan S. **The social exclusion debate:** Strategies, controversies and dilemmas. Policy Studies, New Jersey, v. 26, n. 1, p. 3-27, 2005.

JACKSON, Cecile. **Social Exclusion and Gender:** Does One Size Fit All? The European Journal of Development Research, London, v. 11, n. 1, p. 125-146, 1999.

MASCAREÑO, Aldo; CARVAJAL, Fabiola. **The different faces of inclusion and exclusion.** Cepal Review, Espanha, [s. v.], n. 116, p. 127-141, 2015.

RABINOVICI, Doron. **Ohnehin.** Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2005.

RAWAL, Nabin. **Social Inclusion and Exclusion:** A Review. Dhaulagiri Journal of Sociology and Anthropology, [s. l.], v. 2, p. 161-180, 2008.

SILVER, Hilary. **Social exclusion and social solidarity:** three paradigms. International Labour Review, New Jersey, v. 133, n. 5/6, p. 531-578, 1994.

WALBY, Sylvia; ARMSTRONG, Jo; STRID, Sofia. **Intersectionality:** Multiple Inequalities in Social Theory. Sociology, United Kingdom, v. 46, n. 2, p. 224-240, 2012.